



O SUJEITO E O ESPAÇO - O OLHO DA CRÔNICA SOB A PESPECTIVA GEOLITERÁRIA

Aline de Fátima Marques¹
Donizette Soares da Silva²
Rozângela Aparecida de Oliveira³
Sueli Alves de Sousa⁴

RESUMO

O texto "O sujeito e o espaço - o olho da crônica sob a perspectiva geoliterária" explora a relação entre o sujeito narrador e o espaço geográfico na crônica. Propõe a análise de uma escrita com abordagem geoliterária, que busca compreender as relações entre a geografia, a literatura, o lugar e o espaço; analisa como o sujeito-narrador utiliza o espaço para construir sua narrativa e expressar sua subjetividade. A partir de exemplos de crônicas de autores brasileiros, o texto demonstra como a descrição do espaço pode ser utilizada para revelar aspectos geográficos, do sujeito, da cultura, da história, da identidade de um determinado lugar, bem como para expressar emoções e sensações do sujeito-narrador. Em resumo, o texto apresenta uma reflexão sobre a importância do espaço na crônica literária e como a perspectiva geoliterária pode ser utilizada como uma ferramenta de análise crítica para compreender a relação entre o sujeito e o espaço na literatura a partir da crônica.

Palavras-chave: Sujeito; Espaço; Crônica; Geoliteratura.

RESUMEN

El texto "El sujeto y el espacio: la mirada de la crónica desde una perspectiva geoliteraria" explora la relación entre el sujeto narrador y el espacio geográfico en la crónica. Propone el análisis de la escritura con un enfoque geoliterario, que busca comprender las relaciones entre geografía, literatura, lugar y espacio; analiza cómo el sujeto-narrador utiliza el espacio para construir su narrativa y expresar su subjetividad. Utilizando ejemplos de crónicas de autores brasileños, el texto demuestra cómo la descripción del espacio puede ser utilizada para revelar aspectos geográficos, el tema, la cultura, la historia, la identidad de un lugar determinado, así como para expresar emociones y sensaciones del sujeto-narrador. . En resumen, el texto presenta una reflexión sobre la importancia del espacio en la crónica literaria y cómo la perspectiva geoliteraria puede ser utilizada como herramienta de análisis crítico para comprender la relación entre el sujeto y el espacio en la literatura desde la crónica.

Palabras clave: Sujeto; Espacio; Crónica; Geoliteratura.

¹ Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Jataí-GO – UFJ ma.alinemarques@gmail.com ;

² Mestrando em Geografia, na Universidade Estadual de Goiás – UEG; donizette04@gmail.com

³ Doutoranda em geografia na Universidade Federal de Goiás- UFG, rozangelarozzi@gmail.com ;

⁴ Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Goiás - UFG, sugeoambiental@gmail.com ;

INTRODUÇÃO

Há três anos participamos do grupo de Estudos GE MULTIVISAT-FIOCRUZ/RJ e da *Coluna Opinião-RJ*. Na *Coluna Opinião* publicamos crônicas sob o viés da saúde do trabalhador; sobre os sujeitos simples e inviabilizado. Por meio da escrita de crônicas colocamos em prática todo o conhecimento adquirido nas pesquisas, nas leituras, nos projetos e atividades realizadas no grupo de estudos *Espaço Sujeito e Existência “DONA ALZIRA”*.

A produção de crônicas foi um fator importante para a escolha do tema. A crônica é uma forma de escrita que se destaca por sua capacidade de capturar a essência do cotidiano e das experiências vividas pelos indivíduos em uma determinada época e lugar. Neste contexto, a perspectiva geoliterária se apresenta como uma ferramenta importante para a compreensão e análise das crônicas, já que permite explorar as relações entre o espaço geográfico e a produção literária. Através dessa abordagem, é possível identificar como as características geográficas de um determinado lugar influenciam a produção de crônicas, bem como a literatura, por sua vez, pode contribuir para a construção de identidades e representações culturais em relação a esses lugares.

A seguir serão abordados alguns dos principais aspectos relacionados à produção de crônicas numa perspectiva geoliterária, destacando a importância da análise geográfica e literária para a compreensão desse gênero literário tão significativo. Será também abordada a partir deste viés uma reflexão sobre a crônica *Maria Sozinha* (MARQUES, 2022), colocando em debate a arte da escrita no contexto geográfico e político.

METODOLOGIA

A metodologia para este trabalho parte da produção de crônicas voltadas ao sujeito e ao espaço onde este sujeito vive, numa perspectiva geoliterária, que se constitui da seguinte forma: revisão bibliográfica, análise de crônicas, análise da crônica *Maria Sozinha*, (MARQUES, 2022) escrita por Marques e a interpretação dos resultados.

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos relacionados à perspectiva geoliterária, bem como sobre a produção de crônicas; quais são os principais autores e obras que abordam essa temática e quais são as principais contribuições que cada um deles oferece para a compreensão do assunto.

Foi selecionada a crônica *Maria Sozinha* para análise. Tal crônica permite identificar como o espaço geográfico influencia a produção literária e como a literatura, por sua vez, pode contribuir para a construção de identidades e representações culturais em relação a esses lugares. A produção de crônicas aborda diferentes espaços geográficos que apresentem diferentes perspectivas sobre esses lugares.

Foram identificadas as principais características geográficas e literárias presentes nas crônicas. É importante frisar como o espaço é descrito e como ele é relacionado com as experiências vividas pelo sujeito que narra a crônica. Além disso, houve uma reflexão de como a literatura contribui para a construção de identidades e representações culturais em relação aos espaços geográficos abordados.

Por fim, foram apresentados os resultados da análise de forma clara e objetiva, destacando os principais aspectos que foram identificados em relação à produção de crônicas sobre o sujeito e o espaço numa perspectiva geoliterária e as principais contribuições deste gênero para a arte da escrita.

REFERENCIAL TEÓRICO

A influência da leitura no ato de escrever

O ato de ler e escrever é fascinante! A influência da leitura no ato de escrever é como explorar um vasto jardim de ideias e estilos literários. Quando entregamos a imaginação às páginas de grandes obras, estamos absorvendo não apenas histórias, mas também técnicas de leitura e de escrita, nuances linguísticas e perspectivas únicas.

A leitura funciona como um laboratório para o escritor, oferecendo uma rica paleta de estilos e estruturas. Cada autor é como um mentor silencioso, transmitindo sua sabedoria através das palavras. Ao imergir em diferentes gêneros e épocas, o escritor desenvolve uma sensibilidade literária refinada, expandindo seu repertório e aprimorando suas habilidades.

Além disso, a leitura nutre a imaginação e a criatividade. As palavras dos autores são como sementes que germinam na mente do escritor, dando origem a novas ideias e abordagens. É um ciclo virtuoso, onde a leitura inspira a escrita, e a escrita, por sua vez, alimenta o desejo de explorar novas obras.

Observar o trabalho de mestres da escrita também proporciona insights sobre a construção de personagens envolventes, diálogos autênticos e tramas cativantes. É como desvendar os segredos do ofício ao espiar por sobre os ombros de gigantes literários.

Além disso, a leitura aguça a consciência linguística. Expor-se a diferentes estilos de escrita amplia o domínio do vocabulário e a compreensão das nuances da linguagem. Escrever torna-se uma dança criativa, onde o autor se movimenta entre as palavras com destreza e intuição, influenciado pelo ritmo e melodia que absorveu de suas leituras.

A influência da leitura no ato de escrever é como um diálogo contínuo entre mentes criativas ao longo do tempo. Cada livro lido deixa sua marca no escritor. É uma jornada literária onde o passado e o presente se entrelaçam, dando vida a novas narrativas que carregam consigo a herança de inúmeras histórias contadas.

Como o espaço é descrito nas crônicas

É interessante unir literatura e geografia. Nas crônicas, o espaço se transforma em mais do que meramente um cenário; ele se torna um personagem que dialoga com os acontecimentos narrados. A descrição do espaço nesse gênero permite uma interação única entre a subjetividade do escritor e a realidade geográfica.

O espaço, seja ele urbano ou no campo, assume um papel crucial na construção da atmosfera e no desenvolvimento da narrativa. O cronista, como um observador atento, tece suas impressões sobre as paisagens e sobre os sujeitos, as ruas movimentadas ou os cantos tranquilos da cidade. Essa observação geográfica se entrelaça com as nuances literárias, resultando em uma representação multifacetada do ambiente.

A geografia influencia não apenas a descrição visual, mas também as sensações e emoções transmitidas ao leitor. Um espaço pode ser caloroso e acolhedor, ou frio e impessoal, dependendo das escolhas do cronista. A conexão entre a experiência geográfica e a expressão literária permite ao leitor não apenas visualizar o ambiente, mas também sentir sua atmosfera.

Além disso, a geografia nas crônicas muitas vezes serve como um reflexo simbólico de questões sociais e culturais. O espaço descrito pode revelar desigualdades, mudanças históricas e conflitos latentes. Assim, a escolha consciente do espaço pelos cronistas se torna uma ferramenta para explorar e comentar sobre a condição humana em diferentes contextos geográficos.

Por fim, a interseção entre literatura e geografia nas crônicas destaca a importância do espaço como uma dimensão viva e dinâmica. As palavras do cronista não apenas retratam o cenário, mas moldam uma compreensão única do espaço, enriquecendo a narrativa com camadas de significado e reflexão. É como se cada crônica fosse uma viagem literária pelos contornos geográficos, transformando a paisagem em um palco envolvente onde as histórias se desdobram e as experiências se entrelaçam.

Experiências vividas pelo sujeito que narra a crônica

Nas crônicas, as experiências vividas pelo sujeito narrador são como pinceladas que dão cor e textura à narrativa. O espaço geográfico torna-se o palco onde essas experiências se desdobram, e é através do olhar subjetivo do cronista que exploramos o intrincado entrelaçamento entre a geografia e a vivência pessoal.

O sujeito narrador, muitas vezes, atua como um cronista de si mesmo, transformando suas experiências cotidianas em pequenos contos que refletem a complexidade da vida. Ao explorar o espaço geográfico que o cerca, o narrador se insere não apenas nas características físicas do ambiente, mas também nas emoções que esse espaço evoca.

A cidade, por exemplo, pode ser tanto o cenário de uma rotina frenética quanto o espaço onde memórias afetivas se entrelaçam. A geografia urbana, com suas ruas movimentadas, praças e becos, torna-se uma extensão da própria experiência do narrador, moldando não apenas a descrição física, mas também as sensações, os encontros e os desencontros.

Já o espaço rural pode ser pintado com cores diferentes, evocando tranquilidade, nostalgia ou até mesmo desafios inesperados. O contato com a natureza, as paisagens vastas e a interação com as comunidades locais oferecem ao narrador um terreno fértil para explorar temas como identidade, pertencimento e a relação entre o homem e o ambiente.

Além disso, as crônicas frequentemente exploram a interseção entre o espaço físico e o espaço emocional. O narrador não apenas observa o mundo ao seu redor, mas também reflete sobre como esse mundo o afeta. É como se cada rua, cada praça, cada montanha fosse carregada de significados pessoais, transformando o espaço geográfico em um espelho da jornada interior do sujeito.

Em última análise, as experiências vividas pelo sujeito narrador nas crônicas revelam a íntima relação entre a geografia e a subjetividade. É uma dança entre o real e o imaginário, onde o espaço ganha vida através das lentes particulares do narrador, transformando a crônica em

um registro não apenas do mundo ao redor, mas também da “tapeçaria” de emoções que compõem a experiência humana.

Principais contribuições das crônicas para a arte da escrita.

Nas crônicas encontro espaço para revelar as nuances do sujeito invisibilizado e explorar as contribuições dessa forma de expressão à arte da escrita. Busco dar voz àquelas cujas histórias muitas vezes passam despercebidas, aqueles que habitam as margens da sociedade, como a crônica “Maria Sozinha”, “Maria Poteira”, “Pacato” e outras.

Clarice, com sua sensibilidade ímpar, já disse que "Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador." (Lispector, 1998)

Ao focar no sujeito invisibilizado, encontro inspiração para explorar a complexidade humana em sua forma mais autêntica. As crônicas se tornam como lentes para capturar as dores e as alegrias daqueles que muitas vezes são negligenciados. Cada palavra se torna um ato de resistência, uma tentativa de tornar visível o que o mundo muitas vezes escolhe ignorar.

A arte da escrita, nesse contexto, se torna uma ferramenta de empatia e compreensão. Ao desvelar as experiências do sujeito invisibilizado, as crônicas oferecem uma oportunidade para o leitor se conectar com realidades distintas, promovendo uma reflexão sobre a diversidade de vidas que coexistem à margem do olhar comum.

As crônicas permitem que eu explore a linguagem de maneira mais fluida e íntima. Posso brincar com as palavras, desafiando as convenções gramaticais e estilísticas para capturar a essência do que está sendo vivido. Como Clarice disse, "Escrevo sempre. E o mais revolucionário é escrever sem medo." (Lispector, 1998)

Ao seguir essa filosofia, as crônicas se tornam um espaço de liberdade, onde posso dar voz ao silenciado e desafiar as fronteiras da linguagem. É uma busca constante pela verdade e pela autenticidade, transformando a escrita em uma jornada de descoberta tanto para o autor quanto para o leitor.

Em resumo, busco não apenas contar histórias, mas também amplificar as vozes que muitas vezes são sussurradas pelo vento. É uma celebração da diversidade de experiências, uma tentativa de criar pontes entre diferentes realidades e, acima de tudo, uma expressão de humanidade em sua forma mais crua e bela.

As crônicas são um gênero literário que se caracteriza por ser uma narrativa curta, escrita em prosa e que aborda temas diversos, desde os mais banais até os mais complexos e profundos. É também uma forma de expressão da realidade cotidiana, que muitas vezes se aproxima do ensaio e da reportagem. Na literatura, a crônica é um gênero muito presente na produção brasileira. Autores como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino são alguns dos mais conhecidos e destacados cronistas brasileiros. Eles utilizam as crônicas como uma forma de reflexão sobre a vida cotidiana, as relações humanas, a política e a cultura brasileira. Já na Geografia a crônica é usada como uma forma de análise crítica do espaço urbano, do campo e dos processos sociais e territoriais que se desenvolvem nesses espaços. Igualmente, escrever crônicas em um contexto geográfico torna-se um exercício muito interessante para quem busca compreender as dinâmicas espaciais que envolvem as paisagens, cidades e regiões.

O texto "A escrita que comunica" (CHAVEIRO, 2018) aborda a importância da comunicação escrita na atualidade e como ela pode ser utilizada para transmitir mensagens de forma eficaz. Embora o texto não se concentre especificamente em crônicas, ele menciona a importância de gêneros literários como as crônicas na comunicação escrita. Os autores destacam que a comunicação escrita pode assumir diferentes formas, incluindo a literatura, e que a escolha do gênero literário adequado pode ser fundamental para transmitir uma mensagem de forma clara e envolvente. Segundo o texto, a crônica, em particular, é um gênero que permite ao autor abordar uma variedade de assuntos de forma pessoal e subjetiva, ao mesmo tempo em que mantém uma conexão com a realidade e com o leitor. Portanto, embora o texto não se dedique exclusivamente às crônicas, ele destaca a importância da escrita como um meio de comunicação eficaz e reconhece a contribuição que gêneros literários como as crônicas podem ter nesse sentido.

As crônicas podem servir para registrar as transformações que ocorrem ao longo do tempo, bem como destacar os aspectos mais marcantes de um determinado lugar. Ao escrever uma crônica geográfica, é importante considerar a relação entre o sujeito e o espaço. Muitos dos desafios enfrentados por uma cidade ou região podem ser compreendidos a partir do modo como a população interage com o meio em que vive. Alguns exemplos podem incluir a ocupação irregular de áreas de risco, o desmatamento de encostas, a poluição das águas, a devastação dos biomas causada pelo Agronegócio e fatos cotidianos, como foi o caso de *Maria*

Sozinha, (MARQUES, 2022) perdida na Serra Dourada na cidade de Mossâmedes. Ela desapareceu enquanto colhia pequi e nunca foi encontrada, apesar de ser procurada por longos anos.

Outro ponto importante a ser abordado na crônica geográfica é a diversidade cultural presente nas diferentes regiões e paisagens e a afetividade com o lugar. Ao escrever crônicas procuro evidenciar sujeitos invisibilizados pela sociedade, bem como descrever a afetividade que estes sujeitos desenvolvem a partir do lugar onde vivem, como os geógrafos cronistas escreveram e registraram as paisagens, os lugares e os povos originários, por exemplo.

Desde os antigos exploradores, como Marco Polo e Cristóvão Colombo, até os modernos pesquisadores, a exemplo Eguimar Chaveiro. Os cronistas da geografia têm ajudado a ampliar nossos conhecimentos sobre o espaço em que vivemos. Seja por meio de relatos de viagens, diários de exploração ou estudos/trabalho de campo, esses escritores têm como objetivo documentar as características físicas e modos de vida.

Ademais, a geografia e a crônica são áreas de conhecimento distintas, mas há alguns geógrafos que também escrevem crônicas como atividade complementar. No entanto, não é comum que a crônica seja o foco principal do trabalho desses profissionais. Observe alguns exemplos de geógrafos que produziram importantes crônicas no meio geográfico:

- Eguimar Chaveiro: geógrafo e cronista que defende a ideia de que a literatura pode contribuir para a compreensão da dimensão espacial dos fenômenos e para a formação de uma consciência crítica sobre o espaço que vivemos. Para ele, a "geoliteratura" é uma forma de literatura que tem como objetivo explorar as dimensões geográficas das experiências humanas, seja por meio de descrições de paisagens, de lugares ou de processos socioespaciais.
- Milton Santos: geógrafo brasileiro que foi um dos mais importantes pensadores da Geografia no século XX. Além de suas obras teóricas, ele também escreveu algumas crônicas em jornais e revistas.
- Aziz Ab'Sáber: geógrafo brasileiro que também foi escritor e poeta, tendo publicado vários livros de crônicas sobre a natureza e a cultura brasileiras.
- Bertha Becker: geógrafa brasileira que escreveu algumas crônicas sobre temas relacionados à geografia e ao meio ambiente, além de ter publicado vários livros acadêmicos sobre esses assuntos.
- Josué de Castro: geógrafo brasileiro que também foi escritor e político, tendo publicado crônicas em jornais e revistas sobre temas como fome, pobreza e desenvolvimento.

No que se refere às crônicas, Chaveiro(2021) destaca a importância do gênero como forma de expressão literária que valoriza a subjetividade e a experiência pessoal do autor. Para ele, as crônicas podem ser uma forma de refletir sobre o espaço e sobre as relações humanas com o ambiente, apresentando uma visão particular e muitas vezes crítica sobre a realidade. Chaveiro também destaca a importância da linguagem na geoliteratura e nas crônicas, já que a escolha das palavras e das formas de expressão pode revelar muito sobre a relação do autor com o espaço e sobre a forma como ele percebe e interpreta o mundo. Em sua visão, a literatura e a Geografia podem se complementar para uma compreensão mais ampla e profunda do mundo em que vivemos.

Neste viés, quero destacar o "olho da crônica" que é uma expressão utilizada para se referir ao primeiro parágrafo de uma crônica jornalística ou literária, o qual tem a função de capturar a atenção do leitor e apresentar de forma breve o tema que será abordado na crônica. O termo "olho" é uma referência à ideia de que esse primeiro parágrafo deve ser a janela pela qual o leitor enxerga o mundo que será descrito. É uma parte fundamental da estrutura da crônica, já que é responsável por despertar o interesse do leitor e instigá-lo a continuar a leitura.

Escrever crônicas tornou-se uma forma prazerosa de aprimorar a escrita e aprofundar o conhecimento, uma vez que para escrever textos precisa-se pesquisar fontes teóricas, dicionários e praticar a observação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

. Em suma, foi abordado no decorrer do texto a relação entre o sujeito e o espaço na crônica sob a perspectiva geoliterária. Como o espaço é fundamental na construção do olhar do cronista e como este olhar é influenciado por fatores geográficos, históricos, culturais e sociais.

A partir dessa reflexão, foi possível compreender como as crônicas são capazes de retratar a vida cotidiana de diferentes regiões, revelando as particularidades e singularidades de cada lugar.

Além disso, foi ressaltada a importância da crônica como gênero literário que valoriza as experiências pessoais e subjetivas do cronista, permitindo a manifestação de diferentes vozes e perspectivas sobre o mundo. Em suma, a perspectiva geoliterária pode contribuir para uma leitura mais ampla e profunda das crônicas, enriquecendo a compreensão do mundo que nos cerca.

REFERÊNCIAS



ANDRADE, C.D. (2017). **Antologia poética**. Companhia das Letras.

BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. Editora Sabiá, 1948.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Crônicas que bradam: vozes da saúde do trabalhador**. Itapuranga-GO, Building the way- Revista do Curso e Letras da UEG (ISSNe 22337-2075), v. 11 n. 1, seção: Interdisciplinaridades: ciência e arte, 2021.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; ANGELITA, Mariana. **A escrita que comunica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 3, n. 3, p. 35-46, mar. 2018. Disponível em: <<http://www.nucleodoconhecimento.com.br/linguistica/escrita-que-comunica>>. Acesso em: 18 maio 2023.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**. Porto Alegre: L & PM, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MARQUES, Aline de Fátima. **Maria Sozinha**. Coluna Opinião, 2022.

SABINO, F. (2011). O Encontro Marcado. Companhia das Letras.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.